tradução por TRAVA

Aproximações para a trans/escrita feminina: um manifesto

Fanzine criado por Er Yáñez / @lost.withyou

Esta obra está licenciada sob a Licença CC BY-NC-SA 4.0. Você tem permissão para compartilhar, copiar e traduzir este texto, desde que não seja para fins comerciais e que mantenha esta mesma licença. Consulte a licença completa em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/. Caso tenha interesse em uso comercial ou em colaborações, entre em contato com a autora.

tradução por TRAVⒶ
https://travx.framer.website/

“Há tantas crianças que nascerão com
uma asa quebrada
E eu quero que elas voem, camarada
Que sua revolução lhes dê um pedaço de
céu vermelho
Para que elas possam voar”
— Pedro Lemebel,
Falo por minha diferença

tradução por TRAVⒶ

I.

Façamos do armário uma nova estante. Uma prateleira para a travesti, a hormonizada, a avó, a disfórica, a menina, a abandonada, a acompanhada, a morta, a medrosa, a operada, a draga que se deu conta demais e a princesa que sabia que era trans sem sentir um sinal de puberdade. Segunda prateleira para quem se diz trans e para quem prefere só ser mulher. Para quem acredita ter renascido, e para quem se reconhece como um continuum, um rio que desemboca no mar. Terceira prateleira para quem rejeita seus pares: a hétera, a lésbica, a sapatona, a femme e a andrógena; para quem está desesperada para se encaixar, para quem se encaixa naturalmente e a que nega a se encaixar, porque é isso que o mundo ordenou, radicalizada e pronta para lutar. A última prateleira para a infância, que se estende, mas não é o suficiente. Para suas famílias e professores, cheias de perguntas enormes que precisam ser respondidas, o mais rápido possível para salvar uma vida. Ainda, um pequeno espaço para o rapaz solitário de bigode de três fios, para o *twink* que é mais um entre suas amigas no colégio, para o incel confuso, para o caçador de *reddit*, a nova vítima cristã do ECOSIG e a bixa fetichista. Sabendo que cada um deles pode ou não querer ser outra pessoa.

II.

Que haja abundância de cartas, memórias, diários, biografias, autoficção, divulgação, poemas, contos, romances, ensaios, crônicas, críticas, artes gráficas, miscelâneas e textos que se neguem a ser, explicitamente trans. Que abandone a denúncia interna, a crítica, o ego e a vaidade. Que se encontrem as perspectivas anticolonial do sul global e euro gringa neoliberal. Que dialoguem as putas, as donas de casa, acadêmicas, ativistas, influencers e acomodadas; as premiadas, as formadas, as estudantes, as auto publicadas, as mães históricas de todas nós e as que escrevem para si mesmas à espera de que algo aconteça.

tradução por TRAVⒶ

III.

A palavra será usada contra todo discurso homogêneo médico ou institucional que permeia a opinião pública, seja transfobia, terfismo ou uma tentativa terrível e entusiástica de apoio liberal. Reconheçamos em nós outras nossa subjetividade e diversidade de perspectivas como uma possibilidade. Sem dever explicações, escolhamos a *nossa verdade*. Nossas relações não serão evidentes. Abracemos a incongruência de nossos seres. Demos conta de nós mesmas no plural. A linguagem literária será para devolvermos a cronologia e criar novas versões dela mesma a partir de agora. Encaremos ser o ponto de partida. Não seremos mais as de passado perdido, as de futuros impossíveis, nem as de presente fragmentado. Nunca mais. Somos trans em todos os tempos verbais.

tradução por TRAVⒶ

IV.

Morte à narrativa de corpo errado ou qualquer outra que se pareça. Morte a uma exigência de representação midiática "perfeita" para conseguir reconhecimento, tolerância e aceitação. Morte ao politicamente correto como medida de valor crítico. Morte às advertências de conteúdo nas primeiras páginas de um livro. Morte à assimilação capitalista das pessoas trans no ecossistema e mercado editorial. Morte às falsas caricaturas heróicas e messiânicas de nossa experiência. Morte à leitura porno-miserável de nossas vidas. Viva o prazer trans! Morte à venda revitimizante de nossas histórias. Morte aos arquétipos trans da literatura juvenil assimilacionista. Morte ao LGBTQ+ como um gênero literário em si. Morte à perspectiva de um boom literário transgênero. Morte à exploração de pessoas trans como única via para nossas escritas e criatividades. A trans/escrita nunca será a empatia e a solidariedade cisgênera.

tradução por TRAVⒶ

V.

Jamais ignores a complexidade de nossas experiências nos sistemas hetero-cis-patriarcais e capitalistas. Recuperemos o caos das vanguardas. Coloquemos fim na estrita linearidade cronológica da narração. Joguemos com a forma textual como fazemos com nossas vidas. Façamos nossas as propriedades da literatura. Voltemos sujeitas de círculos de leituras, oficinas, convocatórias, aulas de literatura, livrarias, feiras e bibliotecas públicas. Tornemos coletivos nossos próprios espaços para leitura. Consolidemos a trans/escrita em todas e cada uma de suas formas. Enchamos todas as estantes com nosso escatológico e desordenado uso da linguagem. Vivamos a alegria de nossa autonomia narrativa.

tradução por TRAVⒶ

Vida longa às trans/escritas!

tradução por TRAVⒶ

TRAVⒶ é um projeto de tradução de pensamento trans radical sudaca. somos um grupo de travas e travos de diferentes regiões no brasil, dedicades a borrar as barreiras português/espanhol entre o brasil e países vizinhos. nossas traduções ficam disponíveis no Internet Archive, um arquivo digital de acesso aberto e sem anúncios.

tradução: Joanna Leoni
revisão: Cello Pfeil
diagramação: Joanna Leoni

mar/2026
https://travx.framer.website/